

## Resenha

### Novos padrões de leitura, novas maneiras de pensar

New reading patterns, new ways of thinking

**Gabriela Zago**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. Rua Ramiro Barcelos 2705, 2º andar, Santana,  
90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.  
gabrielaz@gmail.com

CARR, N. 2010. *The Shallows: What the Internet is Doing to Our Brains*. New York, W.W. Norton & Company, Kindle Edition.

Você provavelmente não lerá esta resenha até o fim, pois irá se distrair com algum artigo da revista, com outro site da Internet, ou até mesmo com algo que aconteça fora do computador ou da Internet. E o problema talvez não seja porque a resenha é ruim, ou porque o livro não é interessante. Você não conseguirá ler até o fim simplesmente porque não vai conseguir focar sua atenção por tempo suficiente. E não porque tem algum problema grave, mas porque seu cérebro está acostumado a consumir informações rápidas e curtas.

Em termos gerais, essa é mais ou menos a tese defendida por Nicholas Carr em *The Shallows: What the Internet is Doing to Our Brains*. O livro aborda como estamos alterando nossa maneira de pensar em função da forma de navegação hipertextual, interativa, buscável e multimídia da Internet. Se antes era fácil se concentrar para ler um denso livro em uma sentada, hoje ler um livro do começo ao fim parece uma missão impossível. Cada vez mais preferimos consumir coisas rápidas, em pequenas parcelas de conteúdos, ao invés de textos longos e densos. Com isso, o autor questiona se não estaríamos nos tornando mais superficiais.

Famoso pelo artigo *Is Google Making Us Stupid?*, publicado na edição de julho/agosto de 2008 da *Athantic Monthly*, Carr dá continuidade ao debate no livro publicado em 2010. De fato, um capítulo inteiro é dedicado à “igreja do Google”, e todo o arsenal de produtos e ferramentas oferecidos pela empresa – companhia que, segundo o autor, teria como negócio principal a distração. O que o Google quer é que as pessoas cliquem cada vez mais, ainda que isso signifique uma capacidade cada vez menor de reter a atenção.

A obra está dividida em dez capítulos, alguns deles acompanhados de breves digressões ao final. Os capítulos percorrem uma ordem lógica e bastante didática por caminhos como o funcionamento do cérebro, as ferramentas da inteligência, a evolução da linguagem oral para a escrita, a evolução da imprensa e do livro, as mudanças no funcionamento da mente de um leitor na era digital, e o papel do Google nesse contexto todo.

Em vários momentos da obra o autor busca relacionar a evolução das tecnologias da inteligência com sua trajetória pessoal, mostrando como sua própria maneira de pensar também

foi afetada pelos dispositivos tecnológicos. Há até mesmo um trecho, em uma das digressões, em que o autor conta a dificuldade que enfrentou para escrever o livro, na medida em que o acesso à Internet, com suas zilhães de distrações, o impedia de se concentrar para se dedicar à obra. A solução drástica adotada foi a de simplesmente desconectar.

A evolução dos estudos sobre o funcionamento do cérebro nos mostra que passamos da ideia inicial de um cérebro imutável em idade adulta para a ideia de uma plasticidade constante, apesar de essa plasticidade tender a diminuir ao longo dos anos. Nosso cérebro possui neuroplasticidade e é moldado a partir de nossas experiências.

Assim, o problema não é que estamos lendo menos. De fato, no ambiente da web, lê-se ainda mais. O que se tem é menos leitura imersiva e reflexiva. Lê-se muito, mas são leituras muito fragmentadas e rápidas. Nossos recursos mentais são redirecionados do esforço para ler as palavras para o esforço de se fazer julgamentos, escolher o caminho a seguir no hipertexto. Essa mudança pode ser imperceptível para nós, mas pode diminuir a compreensão e a retenção do que é lido. “Tente ler um livro enquanto resolve palavras-cruzadas; esse é o ambiente intelectual da Internet” (cap. 7<sup>1</sup>, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Avaliar links e decidir que caminho seguir envolve resolução de problemas estranhos ao ato de ler. Para Carr, “Decifrar o hipertexto aumenta substancialmente a carga cognitiva dos leitores e com isso enfraquece sua habilidade para compreender e reter o que estão lendo” (cap. 7, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Em termos práticos a neuroplasticidade significa que quanto mais nos habituamos a navegar, escanear e realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo, mais nossos cérebros se acostumam a essas tarefas e passam a preferi-las ao invés de leitura intensiva e reflexão. Ao mudar nossa forma de consumir informações, a web muda nossa maneira de pensar. Pensando diferente, queremos consumir informações de modo diferente.

Como a mente das pessoas se torna adaptada para o consumo rápido e frenético suscitado pela web, as empresas midiáticas precisam se adaptar às novas audiências, produzindo conteúdos cada vez mais propícios para serem consumidos em pequenos lapsos de atenção. Até mesmo o design de jornais e revistas impressos tem mudado para se adequar aos modos de leitura digital. Artigos mais curtos passam a ser frequentes.

Outro problema relacionado é o excesso de informação. Tem-se tanta informação em nosso redor que passa-se a depender de ferramentas para ajudar a descobrir, filtrar e distribuir tais informações, tornando-as apreensíveis para nós. Passou-se a usar a própria Internet como uma extensão de nossas memórias. Entretanto, apesar de nos ajudar a lembrar determinadas informações, para Carr a web seria no fundo uma tecnologia de esquecimento, pois coloca mais pressão em nossa memória de trabalho, obstruindo a consolidação da memória de longo prazo e o desenvolvimento de esquemas mentais.

O excesso de mensagens que recebemos online inundam nossa memória de trabalho, o que impede o processo de consolidação da memória. Devido à plasticidade das conexões neuronais, conforme explica o autor,

*quanto mais usamos a web, mais treinamos nosso cérebro a se distrair – a processar informação muito rapidamente e muito eficientemente mas sem atenção continuada. Isso ajuda a explicar por que muitos de nós considera difícil se concentrar mesmo quando estamos longe de nossos computadores. Nossos cérebros se tornaram adeptos do esquecimento, inaptos a se lembrar (cap. 9, tradução nossa)<sup>4</sup>.*

Com isso, dependemos cada vez mais da capacidade da web de se armazenar e buscar informações, ainda que isso nos torne pensadores mais superficiais. “Como os vários estudos de hipertexto e multimídia mostram, nossa habilidade de aprender pode ser severamente comprometida quando nossos cérebros se tornam inundados com diversos

<sup>1</sup> Por se tratar de um documento eletrônico sem paginação, as referências foram feitas indicando o capítulo em que se encontram na obra.

<sup>2</sup> Tradução de: “Try reading a book while doing a crossword puzzle; that’s the intellectual environment of the Internet” (cap. 7).

<sup>3</sup> Tradução de: “Deciphering hypertext substantially increases readers’ cognitive load and hence weakens their ability to comprehend and retain what they’re reading” (cap. 7).

<sup>4</sup> Tradução de: “the more we use the Web, the more we train our brain to be distracted—to process information very quickly and very efficiently but without sustained attention. That helps explain why many of us find it hard to concentrate even when we’re away from our computers. Our brains become adept at forgetting, inept at remembering” (cap. 9).

estímulos online. Mais informação pode significar menos conhecimento” (cap. 10, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Entretanto, ao mesmo tempo em que perdemos nossa capacidade em se concentrar em uma tarefa complexa do começo ao fim, ganhamos novas habilidades, como a capacidade de conduzir diversas conversas em diferentes ferramentas ao mesmo tempo.

Assim, graças à neuroplasticidade, estamos sendo moldados pelo novo ambiente informacional. A interatividade, a hipertext-

tualidade, a buscabilidade e a multimídia-  
lidade da web, ao mesmo tempo em que enriquecem a experiência de leitura e navegação, trazem-nos novos padrões cognitivos e alteram nossa forma de pensar, o que leva à necessidade de se repensar a produção de conteúdos para o ambiente digital, e também para fora dele, de modo a atender às expectativas do público digital.

Submetido em: 03/08/2010

Aceito em: 17/09/2010

---

<sup>4</sup> Tradução de: “As the many studies of hypertext and multimedia show, our ability to learn can be severely compromised when our brains become overloaded with diverse stimuli online. More information can mean less knowledge” (cap. 10).